

AUTISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAJETÓRIA DE UM ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL I NA CIDADE DE GUARULHOS

AUTISM: CASE STUDY ON THE TRAJECTORY OF A STUDENT IN ELEMENTARY SCHOOL I IN THE CITY OF GUARULHOS

Cássia Paranhos Cardoso¹, Rita de Cássia Gomes², Rita de Cássia da Costa Guimarães³, Aline da Costa dos Santos Gavioli⁴, Felipe Soares Kohn⁵, Rosana Passos Quitério de Carvalho⁶

Resumo: A base deste artigo é compreender o processo de ensino-aprendizagem e inclusão, e a trajetória do aluno com TEA de uma escola da cidade de Guarulhos. O objetivo se concentrou em entender como foi sua adaptação e interação na sala regular e com os professores, além de todos os envolvidos. Neste artigo, utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Esta pesquisa abordará também a cumplicidade entre as professoras de sala regular e a professora do AEE, quais os métodos, por elas utilizados, que deram resultados durante sua trajetória. Compreendendo no fim, como o trabalho em equipe é importante para o planejamento, desde a adaptação até o momento do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do educando com TEA.

Palavras-chave: Inclusão. Trajetória. Atendimento Educacional Especializado (AEE). TEA. Educando.

Abstract: *The basis of this article is to understand the teaching-learning and inclusion process, and the trajectory of the student with ASD in a school in the city of Guarulhos. The objective focused on understanding how his adaptation and interaction in the regular classroom and with teachers, as well as all involved, were. This article used the methodology of bibliographic research and case study. This research will also address the complicity between the regular classroom teachers and the SEA teacher, which*

methods they used that yielded results during his trajectory. Understanding in the end, how teamwork is important for planning, from adaptation to the moment of developing the teaching and learning process of the student with ASD.

Keywords: *Inclusion. Trajectory. Specialized Educational Assistance (SEA). ASD. Educatee.*

I. INTRODUÇÃO

Segundo Merletti (2018), o tema autismo foi apontado pela primeira vez em 1906, e ao longo do tempo teve seu compartimento transformado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), no qual, no presente momento, é chamado Transtorno do Espectro Autista-TEA.

O tema proposto do artigo, é conhecer a trajetória do aluno com TEA, acompanhado por uma estagiária em uma escola de Guarulhos. Entender como foi seu processo de adaptação e como está até o presente momento no ensino fundamental.

A relevância do estudo é compreender o processo de ensino e aprendizagem e inclusão dentro da sala regular de ensino. Também entender como foi a adaptação com os professores e a estagiária. Ainda há professores que acreditam não saber o que fazer com os alunos com deficiência e que por envolver em sala

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, Centro Universitário ENIAC. e-mail: 278572020@eniac.edu.br

² Mestra em Educação Matemática, Professora e Pesquisadora do NUPE, no Centro Universitário ENIAC. e-mail: rita.cassia@eniac.edu.br

³ Licenciada em Matemática, Professora e Pesquisadora do NUPE no Centro Universitário ENIAC. e-mail: rita.costa@eniac.edu.br

⁴ Professora Especialista em Atendimento Educacional Especializado, Alfabetização e Letramento e Neuropsicopedagogia e Desenvolvimento Humano, Professora e Pesquisadora do NUPE no Centro Universitário ENIAC. e-mail: aline.gavioli@eniac.edu.br

⁵ Especialista em Neurociência, Psicomotricidade e Coordenação Pedagógica, Professor e Pesquisador do NUPE no Centro Universitário ENIAC. e-mail: felipe.kohn@eniac.edu.br

⁶ Mestra em Educação, Professora e Pesquisadora do NUPE, no Centro Universitário ENIAC. e-mail: rosana.quiterio@eniac.edu.br

regular, sentem-se debilitados e contam com a colaboração de estagiários para esse trabalho de inclusão.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, não é de hoje que se tem o cuidado com a inclusão, buscando concluir para o contexto educacional conhecimento que além de conduzir, pesquisar, como a inclusão do autista em sala regular supera espaço e peso para os professores em seu aprendizado e formação (Brasil, 2008).

O artigo buscou utilizar-se de pesquisa bibliográfica e estudo de caso, e um aluno com TEA, apresentando sua trajetória escolar, suas dificuldades e como os professores lidam com a aprendizagem em parceria com a Professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado) e os estagiários, buscando respostas para a seguinte questão: Quais os desafios enfrentados tanto pelos professores, quanto para a estagiária no dia a dia do aluno na escola regular?

Hipótese 01: Colaboração entre professor de sala regular, professora do AEE e estagiária, essencial para o processo de ensino e aprendizagem do educando;

Hipótese 02: Aceitando as diferenças de cada aluno atípico e desenvolvendo um PI (projeto individual).

Hipótese 03: Estabelecendo uma relação com o educando para conseguir trabalhar as competências e habilidades dele

Este artigo é importante, pois apresenta a trajetória do aluno, desde o momento inicial, seu comportamento, as dificuldades de mantê-lo calmo para conseguir que fizesse as atividades propostas e sua interação. Com os resultados, pretende-se apresentar como foi o processo em sua mudança até os dias de hoje.

O objetivo geral deste artigo é entender o processo de ensino e aprendizagem e adaptação de um aluno com TEA no decorrer de sua trajetória no Ensino Fundamental I, sua interação na sala regular e com os

professores e todos os envolvidos.

Os objetivos específicos são:

- Descrever as características e estereótipos do aluno estudado;
- Compreender como funcionam as propostas de atividades oferecidas a ele desde sua chegada à escola;
- Apresentar a participação de cada professor, que o recebeu, lidou com sua chegada na sala regular e até os dias de hoje e
- Mostrar o desenvolvimento deste aluno.

II. REFERENCIAL TEÓRICO

Para Farias, Santos e Silva (2009), na Constituição de Salamanca, em 1994, discutiu-se sobre questões de pessoas com deficiência. Para cumprir o acordo, o Brasil tem criado materiais orientadores e documentos legais com propósito de facilitar a criação de conjuntos pedagógicos que sejam inclusivos.

Assim sendo, a criação de sistemas inclusivos educacionais, devido ao aumento dos educandos na escola regular, tem sido muito exigida, destacando o despreparo da comunidade educacional, considerando as diferentes características.

Em todo período da educação básica, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), é orientado para apoio aos alunos, instituindo proposta obrigatória dos sistemas de ensino. Deve ser realizado no contraturno da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional (Brasil, 2008).

Nesta perspectiva, o apoio que o AEE oferece pode contribuir em uma socialização, beneficiando o respeito pelas diferenças, ajuda a eliminar barreiras na aprendizagem, considera suas necessidades específicas, por fim organiza recursos pedagógicos de acordo com as necessidades de cada educando.

De acordo com Mantoan (2003), a inclusão é uma renovação que causa uma dedicação de melhorias e de reformulação dos momentos contemporâneos da maioria de nossas escolas (principalmente as de

nível básico), ao declararem que as adversidades de alguns educandos não são somente deles, mas surgem, em maioria, do modo como o ensinamento é aplicado e de como o conhecimento é criado e analisado.

Pensando na inclusão, nas condições atuais do ensino, não se refere somente às crianças com deficiência, quando se fala em inclusão é incluído todos num mesmo espaço, recebendo de braços abertos a qualquer tipo de adversidade.

Segundo Pan (2008), a dificuldade da tarefa didática do docente do ensino regular, acredita ser mais do que a adequação do ambiente físico, sendo disponibilizados regulamentos próprios e a finalidade de recursos educacionais que ajudam o discente no aprendizado.

Entretanto, a relevância em relação a formação de atuação do pedagogo, se efetiva quando este profissional passa a atuar com várias diversidades, compreendendo as orientações pedagógicas adequadas, a fim de possibilitar a aprendizagem de todos.

Para Matos e Mendes (2014), a existência de discentes com necessidades didáticas incomuns, tem deixado os docentes com sentimento de incapacidade, insatisfação e ansiedade diante das dificuldades desses e suas próprias dificuldades, por não conseguirem atender individualmente essas crianças.

Diante disso, há necessidades apresentadas pelos discentes de diferentes características, como por exemplo o TEA, isso causa insegurança nos docentes que ficam com dificuldade de apresentar atividades adequadas no trabalho de intervenção.

Para Ropoli, Mantoan, Santos e Machado (2010), em sala de aula regular, o professor de AEE tende a compreender o caminho do educando, para que pratique autonomia na escola e em outros lugares frequentados. Portanto, é necessário uma articulação entre o professor e os professores de ensino regular.

O professor da sala do AEE obtém informações importantes sobre o discente, e o da sala de aula regular a convivência no dia a dia com ele, juntos há

muitas informações que, em parceria, possam ser utilizadas na hora de planejar as atividades adequando-as à necessidade do educando.

De acordo com Amaral (2014), o que se observa no TEA são padrões de movimentos repetitivos, denominados estereotípias, que aparentemente, não tem atribuição social, classificado repetição de movimentos ou estabilidade de ações ao longo do tempo. A estereotípias é frequente no TEA, e a busca por análises para desenvolver estratégias para diminuir essa "ansiedade" é constante. Para se estabelecer, se regular, a pessoa com TEA precisa desses movimentos que os ajudam a voltar a se concentrar. Esses movimentos tendem a aumentar se a pessoa se estressa, se frustra ou se sente entediada.

Com base nisso, é comum ter professores que buscam estratégias em sala de aula, como preparo de rotinas, atividades tranquilas e que não esforcem muito o pensamento do aluno, para que evite uma inquietação que venha causar estresse para ele.

No entanto, para Gomes e De Oliveira (2021), a inclusão apresenta desafios relevantes, tanto para os professores quanto para os próprios alunos, relevando o conceito de métodos reconhecidos que atendam às características de cada sujeito.

Portanto, na formação de educadores são apresentados conceitos e princípios para a acolhida da inclusão, no entanto, na prática se torna um grande desafio, exigindo do educador reflexões sobre como adaptar condutas para atender às necessidades do educando com TEA.

III. MATERIAIS E MÉTODOS

Na realização deste artigo, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e estudo de caso, abordando a trajetória e adaptação do aluno com TEA em sala regular de uma escola da rede municipal.

Segundo Severino (2014), se utiliza a pesquisa bibliográfica a partir de registros disponíveis, pesquisas anteriores, sendo em documentos impressos, como livros, artigos e tese, etc. Além de utilizar de dados ou de teorias já estudadas.

Tornando-se fontes para pesquisas.

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso é uma apuração experimental de um fato novo dentro de uma situação da vida real, sendo que as semelhanças entre o fato e a condição não estão nitidamente determinadas.

A pesquisa deste artigo será desenvolvida através de estudos sobre a trajetória, dificuldades e adaptação de um aluno com TEA de uma escola da Cidade de Guarulhos.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A base deste artigo inicia-se com a experiência vivida pela trajetória do educando de 8 anos, em uma escola municipal de Guarulhos, como foi a sua chegada à escola em meados de setembro/outubro de 2022, observando os resultados obtidos durante o processo de aprendizagens pedagógicas até o momento.

Quando iniciou na escola, em primeiro momento a professora percebeu sua agitação, se surpreendeu, pois ele chegava e andava por toda a sala fazendo suas estereotipias, não gostava de ouvir músicas, ou alguém cantando-as, chorava e não gostava de ser contrariado.

Ao apresentar os materiais pedagógicos a ele, seu interesse foi pelas letras móveis, gostava de montar os nomes dos personagens da Turma da Mônica, assim foi até saber que ele era alfabetizado. Assim a professora pôde separar algumas atividades pedagógicas. As de montar organizando as palavras e colar, eram as que mais lhe interessavam.

A permanência dele na sala do 1º ano foi pouca, pois entrou nessa escola quase no final do ano letivo, então não teve muitas propostas ajustadas adequadamente para ele naquele momento.

A partir do ano seguinte, 2º Ano do Ensino Fundamental, ele começou a se adaptar mais, pela mudança da professora, por ela ser uma pessoa calma, uma sala mais tranquila, a adaptação foi melhor, já era

conhecida sua personalidade e já tinha sido encaminhado ao AEE, agora com professora diferente, e com uma estagiária o acompanhando, o processo de aprendizagem foi mais estabelecido.

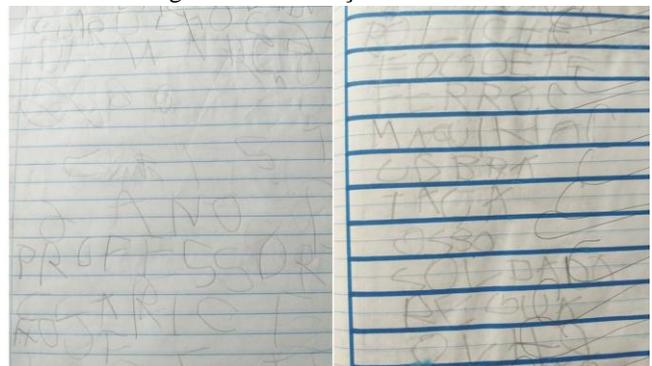
Primeiro começou a seguir uma rotina feita pela professora do AEE, para seu dia a dia em sala de aula. Foram feitos planejamentos para se organizarem, assim saber quais seriam as atividades propostas a ele.

Com a ajuda da professora do AEE, pôde perceber que as atividades propostas para ele no segundo ano seriam as mesmas das quais seriam ofertadas para a sala toda.

Assim, realizava as mesmas atividades que a sala, com auxílio, pois não conseguia ficar no lugar por muito tempo. Porém, impressas de tamanhos diferentes que eram para os outros, pois não sabia controlar o tamanho das letras e tinha dificuldades para segurar o lápis, usava um apoio.

No caderno, não se limitava a escrever, usava de quatro a cinco linhas, então foi sugerido, pela professora do AEE, que as limitassem com canetinhas para que escrevesse dentro do espaço, iniciou-se por duas linhas, isso até que compreendesse que tinha que escrever de acordo com o espaço que tinha.

Figura 1: Delimitação das linhas



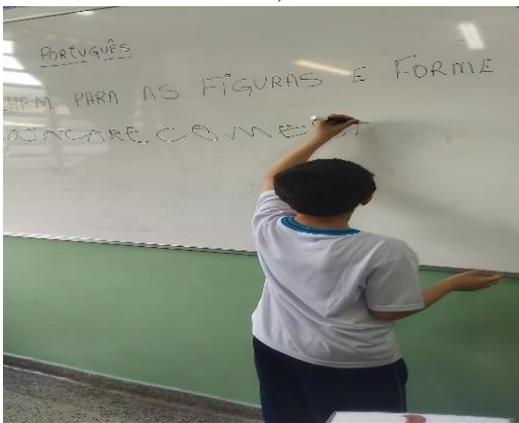
Fonte: Autor (2024)

Na figura 2 pode-se observar que foram feitos acordos para que conseguisse controlar um pouco suas ansiedade, seus movimentos e estereotipias, assim, conseguia ficar mais sentado para realizar as atividades. No decorrer do ano,

foram descobrindo que além de ler palavras ou frases com letras bastão, compreendia também as escritas com letras cursivas, fazia leituras quando era solicitado, conseguia fazer até atividades na lousa quando a professora o chamava para participar e interagir com a turma.

Quando recebia as atividades, se negava a fazer, mas, com trocas (uma maneira de conseguir que ele as realizasse), era ofertada folha de sulfite ou os próprios desenhos impressos que trazia com ele, realizando as atividades com capricho ganhava o que pedia, com isso ele fazia tudo com atenção e rapidez. Terminava, lembrava o combinado e pedia. Isso também foi incluído na rotina escolar.

Figura 2: Atividade realizada na lousa (interagindo com a turma).



Fonte: Autor (2024)

Na figura 3 pode-se observar a quantidade de atividades realizadas, mostrando a importância dos combinados.

Figura 3: Pasta de figuras do combinado.



Fonte: Autor (2024)

Com o tempo, já conseguia ficar mais sentado e realizava as atividades, acompanhava a sala. Claro, suas estereotípicas e ansiedade continuavam, mas não

constante, quando estava agitado se levantava às vezes, relaxava e voltava a fazer as atividades.

No decorrer do ano letivo, percebe-se o quão é importante ter alguém ao lado deste educando para o auxílio e a realização das atividades pedagógicas. O direcionamento de como realizá-las e interpretá-las, e assim dar continuidade ao aprendizado do próprio. O aluno com TEA precisa do suporte educacional para o seu desenvolvimento, a companhia que a estagiária representa não é somente para estar ao seu lado, mas sim de estar para lhe ajudar no trabalho pedagógico.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em equipe deve acontecer, o planejamento tem que ser feito em conjunto com contribuição de informação, isso só irá reforçar o desempenho de ambos em benefícios do aluno com TEA.

O papel do professor é importante para mediar e facilitar o desenvolvimento de ensino e aprendizagem, sentir empatia é fundamental para o desenvolvimento deste educando com TEA, conhecer diferentes metodologias para ensinar o aluno torna-se essencial para o processo de inclusão.

Sendo assim, o objetivo inicial foi atendido e as hipóteses validadas, é importante buscar compreender como a aprendizagem ocorre para cada indivíduo e suas dificuldades nesse processo, que, ao lidar com o educando autista deve estabelecer uma rotina, integrar-se aos interesses desta criança em seu planejamento.

Por fim, o uso da rotina, das trocas e das compreensões de suas estereotípicas, mostra o quanto é importante entender que o educando com TEA evolui, é um processo a ser seguido. No entanto, é preciso estar preparado para qualquer mudança, isso influencia na mudança de comportamentos, que deve ser tratado com precisão para que eles não entrem em crise. Crise que desestabiliza, que as tira imediatamente do foco, tornando prejudicial às suas aprendizagens.

VI. REFERÊNCIAS

- AMARAL, L.D. **Revisão sistemática e avaliação metodológica de intervenções analítico comportamentais para enfraquecimento de estereotipia em indivíduos com autismo, publicadas nos últimos 15 anos.** Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/po-sgraduacao/programas/psicologia-experimental/dissertacoes-teses/luciana_d_domizio_amaral.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.
- BRASIL. **Decreto N° 6571**, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=6571&ano=2008&ato=cccMTWE50dVpWTd9a> Acesso em: 24 fev. 2024.
- FARIAS, I. R.; SANTOS, A. F.; SILVA, E. B. da. Reflexões sobre a inclusão linguística no contexto escolar. In: DÍAZ, F., et al, orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 39- 48. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-04.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024
- GOMES, T. H. P. DE OLIVEIRA, G. C. S. As estratégias didáticas com alunos autistas: as experiências de professores de Ciências e especialistas em educação especial. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 12, n. 4, p. 118, 2021.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** o que é, por que é? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUSO-ESCOLAR-Maria-Teresa-Egl%3%A9r-Mantoan-Incluso-Escolar.pdf> Acesso em: 12 mar. 2024.
- MATOS, S. N. MENDES, E. G. **A proposta de inclusão escolar no contexto nacional de implementação das políticas educacionais.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 10, no 16, p. 35-59, Jan./Jun., 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/foliv/Downloads/762-Texto%20do%20artigo-1260-1-10-20170829.pdf> Acesso em: 18 mar. 2024.
- MERLLETI, C. **Autismo em causa:** historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo, SP, Brasil, Janeiro 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/pwHyXyXB3Vknq7cg7m5wwSk/> Acesso em: 20 fev. 2024.
- PAN, M. A. G. S. **A deficiência intelectual e a educação contemporânea:** uma análise dos sentidos da inclusão escolar. In: FACION, José Raimundo. (Org). **Inclusão escolar e suas implicações.** Curitiba, Ibpx, 2008. Acesso em: 18 mar. 2024.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 1. ed. Perdizes, São Paulo. 2014. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulgacao/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf Acesso em: 11 mar. 2024.
- ROPOLI, E. A. MANTOAN, M. T. E. SANTOS, M. T. C. T. MACHADO, R. **Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=http://portal.mec.gov.br/doc>

man/novembro-2010-pdf/7103-fasciculo-1-pdf&ved=2ahUKEwiTxovLkL-FAxUpr5UCHeuLDl0QFnoECB0QAQ&usg=AOvVaw1AIemHzys8rRUf4MYHC6g Acesso em: 13 abr. 2024.

YIN, R. K. **Estudo de Caso.** Planejamento e Método. 2. ed. Porto Alegre, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6598416/mod_resource/content/1/Livro%20Robert%20Yin.pdf Acesso em: 11 mar. 2024.